

Analistas desprezam hipótese de derrota de FH

Cenários produzidos por especialistas só levam em conta a maior ou menor força para concluir reformas

MARIA INÊS NASSIF

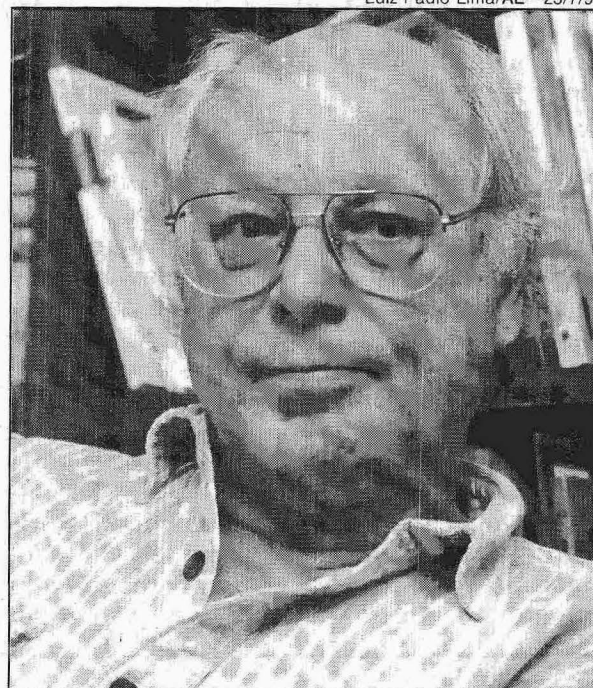
A derrota do presidente Fernando Henrique Cardoso na disputa pelo segundo mandato é uma hipótese tão remota que os especialistas não se têm preocupado com ela. Analistas e bancos que produzem seus próprios cenários para definição de planejamento estratégico trabalham apenas com duas possibilidades: Fernando Henrique reeleito, com maior ou com menor força para concluir as reformas constitucionais.

"No momento não antevejo a derrota do presidente Fernando Henrique", afirma o cientista político Leôncio Martins Rodrigues, da Unicamp. O cenário de vitória da reeleição, para ele, também é o mais favorável à conclusão das reformas constitucionais. "Elas continuariam, qualquer que fosse o eleito", sentencia. "A questão é quem faria melhor e mais rapidamente — e Fernando Henrique tem um maior potencial de coalizão do que Lula (*Luiz Inácio Lula da Silva*) ou Itamar Franco", explica o cientista político.

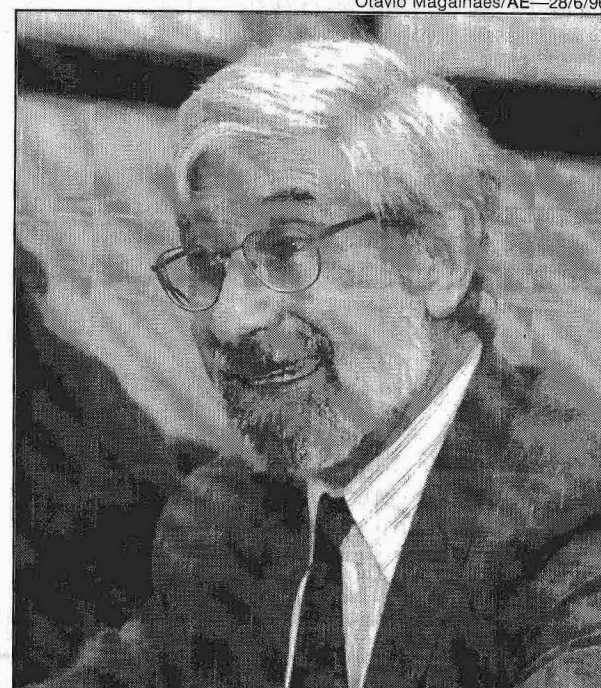
O economista Albert Fishlow, do Council of Foreign Relations, acredita num cenário francamente favorável, segundo apurou Paulo Sotero, de Washington. "O presidente será reeleito no primeiro turno e as reformas presseguirão", disse ele ao *Estado*. "Existe preocupação com a falta de progressos nas reformas, com o fato de o déficit fiscal não estar caindo mais rapidamente e com o déficit nas contas externas", admitiu. "Mas eu não vejo o Brasil sofrendo praticamente nenhuma consequência da desaceleração do crescimento na Ásia." Reeleito, Fernando Henrique "será capaz de forjar um consenso político mais amplo em favor das propostas do governo", disse.

A sua opinião é relevante não apenas porque ele tem amplo acesso em Brasília — é amigo de Fernando Henrique e do ministro da Fazenda, Pedro Malan —, ou porque é hoje o brasilianista mais ouvido por executivos de grandes empresas industriais e financeiras americanas. Ela é importante também porque Fishlow já acertou antes. No início de 1994, quando Fernando Henrique preparava o lançamento do Real, em meio a um grande ceticismo do mercado de capitais, Fishlow foi o único especialista em Brasil, nos Estados Unidos, que previu publicamente o sucesso da operação (e a eleição do atual presidente, que naquela altura não era candidato declarado).

No Brasil, as previsões do mercado financeiro confluem para a opinião de Fishlow. "Hoje o merca-



Rodrigues: "FH tem maior potencial de coalizão"



Fishlow: "Ele será reeleito no primeiro turno"

do se baseia na hipótese de continuidade para elaborar suas estratégias", conta Robério Costa, do Banco SRL.

Para o analista político Walder de Góes, no entanto, existem variáveis que podem trazer surpresas. De um lado, ele aponta as vantagens de Fernando Henrique na disputa: ainda é o homem mais identificado com o Plano Real e "tem o apoio das principais máquinas políticas e não-políticas do País".

Em contrapartida, afirma Góes, "existe um mercado político à esquerda de Fernando Henrique, e não é inexpressivo"; a circunstância de concorrer sem sair do cargo torna o alvo permanente; e deverá concorrer com Ciro Gomes, "uma das raras ofertas carismáticas" da política atual. Desequilibrando a balança, desta vez em favor de Fernando Henrique, outro fator emerge: a partir de 1994, inaugurou-se o que o analista político chama de "ciclo eleitoral novo", marcado pela racionalidade do eleitor, que elegeu naquele ano a estabilidade monetária e, dois anos depois, a continuidade administrativa. O eleitor "racional" estaria muito mais para a continuidade em 1998.

Agenda definitiva — Outros dois consensos permeiam a elaboração dos cenários pós-eleitorais: o de que a agenda das reformas é defi-

nitiva, mesmo num remoto cenário de vitória das oposições; e o de que não se conseguirá aprovar muito mais do que se aprovou até agora neste mandato. "As reformas se impõem pela necessidade da economia moderna", explica Martins Rodrigues.

O que está em questão é a velocidade que as diversas variáveis podem imprimir às reformas. Reeleito Fernando Henrique, o ritmo dependerá, na opinião geral, da base parlamentar que sairá das urnas — e daí a grande atenção ao comportamento dos partidos que vão para as eleições. Segundo Fábio Wanderley Reis, do Departamento de Política da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no caso de vitória da oposição, o presidente eleito terá de retomá-las depois de um tempo, suficiente para que o discurso eleitoral seja esquecido.

Rodrigues e Reis atribuem ao próprio Fernando Henrique um pecado que comprometeu as reformas neste mandato: ter investido longo período e grande esforço, no auge de sua força política, para aprovar a reeleição. "A emenda da reeleição foi um dos fatores complicadores de um quadro em que o presidente, muito forte, dependia dos dois terços do Congresso", analisa Rodrigues. As consequências do excesso de empenho no seu segundo mandato — diz Reis — Fernando Henrique carregará depois

de reeleito. "A experiência da reeleição foi deletéria para a estrutura partidária", afirma. "Os partidos políticos estão sofrendo o efeito fragmentário das eleições", conclui.

Tempo para aliança — De um lado, a inevitabilidade das reformas, e de outro um quadro partidário fragmentado. Para resolver o impasse, na opinião de Reis, Fernando Henrique obrigatoriamente deverá gastar um tempo, após eleito, até recompor sua base de apoio. Leôncio Martins Rodrigues acredita que, de qualquer forma, o presidente estará mais forte no próximo mandato: não terá os dois terços para a aprovação das reformas mas, de qualquer forma, será menos refém delas. "Uma parte do caminho terá andado, mesmo que não tenha conseguido, neste mandato, aprovar as emendas como queria", diz o professor da Unicamp. "Além disso, muitos elementos contam, inclusive fatores extrapolíticos, como a economia mundial e os fluxos de investimentos no Brasil", argumenta.

Dalton Gardimam, do Deutsch Morgan Grenfell, mais otimista, calcula que o presidente poderá aumentar numericamente sua base de apoio parlamentar no próximo mandato — e considera isso fundamental para que seus clientes, investidores estrangeiros, continuem a interessar-se pelo País. "As privatizações foram importantes e podem preencher parte da agenda do próximo ano, mas em algum momento elas viram fato passado", pondera. "As reformas ainda são uma expectativa."

**ELEITOR
'RACIONAL'
DESEJARIA
CONTINUIDADE**